



Uso de *Telenomus remus* no manejo de *Spodoptera frugiperda* em milho doce

Ivan Cruz¹; Maria de Lourdes C. Figueiredo²; Rafael B. Silva²;
Ana Carolina M. Redoan³

¹Pesquisador, Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas, MG, Brasil, ivan.cruz@embrapa.br;

²Pós-doutorandos CNPq/Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas, MG, Brasil, figueiredomlc@yahoo.com.br, rafaelentomologia@yahoo.com.br; ³Doutoranda em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil, ac.redoan@gmail.com

O milho doce, matéria prima para a indústria de alimento humano, é muito suscetível ao ataque da lagarta-do-cartucho, *Spodoptera frugiperda*, demandando invariavelmente medidas de controle, geralmente através de inseticidas químicos, com riscos tanto para o meio ambiente, como para o próprio consumidor. Considerando a possibilidade de se ter resíduos nos grãos, pois a praga ataca a planta tanto na fase vegetativa, como na reprodutiva e, aplicações de inseticidas próximas à colheita fornecem maior probabilidade de contaminações. Tecnologias eficientes e de baixo impacto no meio ambiente têm sido cada vez mais solicitadas, especialmente para produtos de consumo in natura. Uma destas tecnologias é baseada no controle biológico pela utilização de *Telenomus remus* com ação específica sobre os ovos de *S. frugiperda*. O objetivo deste trabalho foi verificar a eficiência da liberação do parasitoide após detecção da mariposa em armadilha de feromônio. O experimento foi conduzido em blocos ao acaso comparando-se uma, duas, três e quatro liberações (60 mil fêmeas com 24 horas de idade/ha/liberação). Para garantir um fluxo constante de parasitoide na área alvo, o intervalo entre cada liberação foi de três dias. A primeira liberação de *T. remus* ocorreu 10 dias após a emergência da planta. As avaliações foram baseadas na percentagem de plantas atacadas, no número de insetos por planta (predador, *Doru luteipes* e lagartas sadias e parasitadas), em coleta realizada 25 dias após a primeira liberação do parasitoide; na injúria provocada (escala visual de dano de 0 - planta sem dano aparente, a 5 - planta morta) em duas avaliações (11 e 25 dias após a última liberação do parasitoide), e na colheita, a produção de grãos. Nas parcelas sem liberação do parasitoide a infestação pela praga (92%) foi significativamente superior a aquela obtida nas parcelas com três ou quatro liberações (34%). Houve também diferença significativa na infestação por lagartas e no dano foliar, sendo os valores mais elevados obtidos nas parcelas sem liberação do parasitoide. A produtividade de espigas foi significativamente superior (39 a 66%) nas parcelas com liberação do parasitoide, comparado a valor obtido nas parcelas testemunhas.

Palavras-chave: controle biológico, lagarta-do-cartucho, parasitoide de ovos.

Apoio: CNPq, Embrapa Milho e Sorgo, FAPEMIG.